OPINIÃO

Passo a passo

Por A. Domingues de Azevedo, presidente da Direcção da CTOC

O actual modelo de normalização contabilística em Portugal está disperso por diversas entidades e nunca foi visto na óptica da sua verdadeira função: emitir normas e entendimentos harmonizadores dos conceitos e práticas contabilísticas. Em bom rigor, normalizar pressupõe que exista um eixo comum das diversas especificidades que a Contabilidade deve ter.

Sem essa linha mestra haverá sempre uma ausência de rumo estratégico e nascerá terreno fértil, onde cada um vai gerindo a sua influência. Em devido tempo, a CTOC alertou para este facto, tendo apresentado, aquando da discussão pública do SNC, uma proposta que alterava o seu conceito, colocando-o sob a responsabilidade de uma única entidade, que iria gerir as suas especificidades no âmbito de colégios de especialidade.

Existe vontade política para reformar a situação actual. Nesse sentido, encontra-se, neste momento, em fase de elaboração e discussão as propostas que visam alterar o funcionamento da normalização contabilística empresarial.

Uma delas foi entregue para análise do grupo de trabalho, que integra o secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, que abordou com a CTOC a estrutura de uma nova Comissão de Normalização Contabilística que, embora não seja de ruptura com os conceitos e estruturas vigentes, não deixa de ser um passo importante para a construção de um novo modelo e possuir uma visão integrada da normalização.

Procura-se, através da criação de um novo conselho geral (onde se encontrem representadas todas as entidades que têm funções normalizadoras), uma abrangência mais universal, propiciando por essa via a criação de uma estratégia única para a Contabilidade nacional.

Compreendemos o melindre desta matéria, nomeadamente os efeitos que a normalização pode ter no apurar do património das empresas e na necessária fiabilidade da informação contabilística numa perspectiva global, incluindo o seu uso para a determinação da capacidade contributiva das empresas.

É compreensível a dificuldade de se conseguir, em pouco tempo, a ruptura com a lógica instalada nos hábitos e na estrutura normalizadora. Devemos ter a humildade suficiente para reconhecer que, no caso de processos de elevada complexidade, não raras vezes o «óptimo é inimigo do bom».

Entendemos que não se deve desperdiçar esta oportunidade de ouro para criar uma única entidade normalizadora, que assuma as especificidades contabilísticas e desempenhe a função agregadora.

Os tempos que vivemos são de mudanças profundas. Uma autêntica revolução que, esperamos, seja proveitosa para todos os profissionais.

Tudo indica que brevemente veremos o Estatuto da CTOC alterado, o que resultará na passagem a Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas. Mais um motivo para que a nossa classe profissional seja capaz de responder com qualidade e empenho às transformações que se avizinham.

Passo a passo, com segurança, sem sobranceria, mas também com ambição e firmeza nas metas a atingir, vamos conseguir mudar, para melhor, uma profissão que amamos. ■

É compreensível a dificuldade de se conseguir, em pouco tempo, a ruptura com a lógica instalada nos hábitos e a estrutura normalizadora. Devemos ter a humildade suficiente para reconhecer que, no caso de processos de elevada complexidade, não raras vezes o «óptimo é inimigo do bom»